

UMA VISÃO GERAL DAS TEORIAS DO HUMOR: APLICAÇÃO DA INCONGRUÊNCIA E DA SUPERIORIDADE AO SARCASMO

Sabina Tabacaruⁱ

Resumo: Este artigo apresenta uma revisão de duas grandes teorias do humor: a da Superioridade e a da Incongruência. Nós aplicamos essas duas teorias ao estudo do sarcasmo, que tem sido visto como um caso paradigmático de ironia (TOBIN & ISRAEL, 2012) ou uma subcategoria dela (KIHARA, 2005). A retomada dessas teorias ajuda a esclarecer o fenômeno do sarcasmo, pois explica como ele se apoia em certas características de ambas as perspectivas. Nós analisamos exemplos de duas séries de televisão, *House M.D.* e *The Big Bang Theory*ⁱⁱ, as quais apresentam grande número de comentários sarcásticos. Esses exemplos são explicados a partir das duas perspectivas, mostrando como o sarcasmo constantemente se baseia na incongruência de certas ideias apresentadas pelo falante e na existência de um alvo que é ridicularizado no discurso.

Palavras-chave: Incongruência. Superioridade. Sarcasmo. Análise do discurso.

Abstract: This article presents a review of two major humor theories: Superiority and Incongruity. We apply these two theories to the study of sarcasm, which has been seen as a paradigm case of irony (TOBIN & ISRAEL, 2012) or a subcategory of irony (KIHARA, 2005). Reviving both these theories helps to shed some more light into the phenomenon of sarcasm, by explaining how it draws certain features from both perspectives. We analyze examples from two television-series, *House M.D.* and *The Big Bang Theory*, both of which include a great number of sarcastic remarks. These examples are explained from the two perspectives, showing how sarcasm constantly builds on the incongruity of certain ideas presented by the speaker as well as the existence of a target that is mocked in the discourse.

Keywords: Incongruity. Superiority. Sarcasm. Discourse analysis.

ⁱ Doutora pela Université Charles de Gaulle, Lille 3 & Katholieke Universiteit Leuven. Docente pela Université Charles de Gaulle, Lille 3. E-mail: sabina.tabacaru@laposte.net.

ⁱⁱ N.T. A série americana *House M. D.* recebeu, no Brasil, o nome de *House*; *The Big Bang Theory*, por sua vez, conservou seu nome original quando de sua exibição no Brasil.

Introdução

Toda análise de humor considera as três teorias que explicam como ele é construído: Superioridade, Incongruência e o modelo de Tensão-Relaxamento¹. A Teoria da Superioridade afirma que “o divertimento [...] emerge de sentimentos elevados de valor próprio após a difamação verbal de um alvo” (PERKS, 2012, p. 20). A Teoria da Incongruência é cognitiva por natureza e salienta que o divertimento se deve ao inesperado. De acordo com Raskin, o modelo de Tensão-Relaxamento (também chamado de Teoria do Alívio²) postula que o humor “promove liberação de energia mental, nervosa e/ou física” (1985, p. 38).

O presente artigo explora tanto a Teoria da Superioridade quanto a da Incongruência no uso do sarcasmo. Argumentamos que ambas as teorias podem ser utilizadas para uma análise do sarcasmo, uma vez que elas ressaltam a provocação (pseudo-)agressiva de um alvo, assim como enfatizam as interpretações incongruentes criadas pelos falantes durante as suas falas, o que é consistente com as ideias postuladas por ambas as teorias do humor³. Nós partimos de uma breve explicação das ideias propostas pelas duas teorias do humor, ao que se segue uma discussão sobre o sarcasmo a partir dessas duas perspectivas.

1 Teoria da Superioridade

Pode-se dizer que os filósofos antigos se apoiavam principalmente na Teoria da Superioridade (também chamada de Teoria da Depreciação, Hostilidade, Agressão, Escárnio). Platão foi o primeiro filósofo a notar que há, na raiz do divertimento cômico, malícia ou inveja. Ele enfatizou que o humor pode explorar falhas humanas de uma maneira cruel e observou que os seres humanos riem do que é ridículo nos outros. A mesma ideia é encontrada no trabalho de Aristóteles, para quem a comédia é “uma imitação de homens piores do que a média; piores, no entanto, não em relação a qualquer tipo de

¹N. T. Na versão original em inglês, *Tension-Release model*.

² N.T. Na versão original em inglês, *Relief Theory*.

³ Como afirmado por Raskin (198) e também conforme explicado a seguir, essas três teorias do humor podem ser consideradas complementares; entretanto, como nosso foco de atenção é a dimensão cognitiva e discursiva da construção do sarcasmo, enfocaremos apenas a abordagem da Superioridade e da Incongruência, em oposição ao modelo de Tensão-Relaxamento, que pode ser analisado como o efeito mental do humor.

defeito, mas apenas no que se refere a um tipo particular, o Ridículo, que é uma espécie do Feio” (*apud* PERKS, 2012, p. 127). As mesmas ideias são encontradas no trabalho de Cícero. Assim como a filosofia grega, que focava o aspecto negativo do humor e da risada, Cícero afirmava que a risada causa dor e é inspirada pelas anormalidades das outras pessoas.

Dentro desse quadro teórico, o humor é visto como uma comparação entre um falante e um ouvinte, por exemplo. O que nós consideramos humorístico é “a tolice dos outros” (JOECKEL, 2008, p. 418). Rimos quando as pessoas se comportam de forma imoral ou tola: “nossa risada parece proceder de um senso implícito de que nós somos superiores àqueles de quem rimos” (*ibid.*). Nesse sentido, Morreall (1987, p. 19) pensa que o humor é uma expressão de nossa “glória repentina quando nos damos conta de que, de alguma maneira, somos superiores a alguém.” Para Zabalbeascoa (2005, p.193), as piadas mais interessantes “envolvem algum tipo de vítima ou alvo”. Se não há vítima, o humor tende a ser infantil — alguns dos exemplos desse autor incluem humor escatológico e charadas.

Dessa forma, essa teoria, que remonta à filosofia clássica, pode ser relacionada à agressão. Por humor agressivo, entendemos 'rir de' alguém, isto é, ver a outra pessoa como um oponente ou adversário. Tipos de humor como sarcasmo ou hipercompreensão⁴ (BRÔNE, 2008) tomam explicitamente como alvo uma vítima e estão ligados diretamente a sentimentos de superioridade. Não se pode ser agressivo com uma árvore, nem se pode ofendê-la, afirma Attardo (2002). Zabalbeascoa (2005, p. 196) sugere que se pode, no entanto, abertamente tomar árvores como alvo, ou instituições, ambientalistas, autoridades locais etc. Tais mecanismos, de acordo com Perks (2012, p. 129), não são (sempre) utilizados para entreter uma audiência, mas também para “demonstrar a astúcia do falante”. Rir é vencer, e indivíduos, grupos sociais, ideologias políticas, práticas ou crenças comuns e instituições tornam-se alvos a fim de que o divertimento possa ser obtido por meio da difamação (FREUD, 1989; ZABALBEASCOA, 2005; FERGUSON & FORD, 2008). As pessoas sentem-se bem consigo mesmas em comparação àqueles que estão ridicularizando (por qualquer motivo: falta de habilidade, defeitos etc.). O humor é visto principalmente como um triunfo sobre os outros.

⁴ N.T. Na versão original em inglês, *hyper-understanding*,

Entretanto, rir de outra pessoa não é o único elemento da Teoria da Superioridade. Nós também podemos rir de nós mesmos, e exemplos de humor autodepreciativo são comumente citados na literatura atualmente. Esse sentimento de superioridade ainda está presente em alguns casos, uma vez que, como indicado por Rapp (1947), o que se está ridicularizando é “uma figura de si mesmo em uma situação desconfortável.” Como assinalado por Morreall (1983), a parte que ri está dissociada da parte da qual se está rindo. Falantes podem sempre ridicularizar a si mesmos em, por exemplo, certa situação do passado, dissociando-a mentalmente do eu presente que está contando a piada.

Muitos exemplos se relacionam com a Teoria da Superioridade; considere-se o segmento (1) a seguir, analisado por Veale *et al.* (2006):

- (1) G.B. Shaw: Aqui está um convite para a noite de estreia da minha nova peça. Traga um amigo, se tiver algum.
Churchill: Receio que não possa comparecer à estreia. Mas talvez compareça à segunda noite, se houver uma.⁵

Como indicado por Veale *et al.* (2006), a fala inicial já é um ataque ao ouvinte (neste caso, Churchill). O ouvinte, copiando a base estrutural da fala inicial, consegue neutralizar esse ataque. Essa estratégia pode ser descrita como o uso de um trunfo sobre o outro por meio do paralelismo estrutural, que ecoa a escolha lexical do primeiro falante. A suposição introduzida pela construção condicional⁶ estabelece em ambos os casos um ataque abertamente assinalado na forma de uma pressuposição positiva (que o agente tem amigos ou que a peça não vai terminar na estreia). No entanto, a primeira pressuposição positiva também inclui um ataque a Churchill, cujo significado implícito é que Churchill não tem amigos. Pela repentina manipulação do espaço discursivo, Churchill consegue “virar o jogo⁷ e arrancar a vitória das garras da derrota” (ibidem, p.307, ênfase original). A pressuposição de Churchill sugere que a peça irá acabar na noite de estreia, o

⁵ N.T. Na versão original em inglês:

- (1) G. B. Shaw: Here is an invitation to the opening night of my new play.
Bring a friend, if you have one.
Churchill: I'm afraid I can't make it on the opening night.
But I may attend on the second night, if there is one.

⁶ N.T. Na versão original em inglês, *if-construction*.

⁷ N.T. Na versão original em inglês, *turning the tables*.

que dá a entender que ela é de má qualidade. Embora ambos tenham atacado um ao outro com sucesso, Churchill “é considerado vencedor porque seu ataque foi especialmente moldado” para imitar a forma da fala do seu oponente (ibidem).

Embora haja muitas formas de teorias da Superioridade (que vão de sarcasmo ao humor de gênero⁸), todas se centram na ideia de uma conclusão rápida que resulta em vitória para o vencedor e em derrota para o perdedor (GRUNER, 1997). O público aprecia a maestria verbal do agente em subverter a linguagem de um adversário (cf. VEALE et al., 2006).

2 Teoria da Incongruência

A Teoria da Incongruência, também conhecida como Teoria da Inconsistência, Contradição, Ambivalência ou Bissociação, articula-se tendo por base a noção de contraste. Teve sua origem na filosofia grega, a partir de Platão e Aristóteles, e foi posteriormente desenvolvida pelos estudiosos romanos (Cícero e Quintiliano). Estes filósofos, como criadores das bases da Teoria da Superioridade, destacaram algumas ideias que foram usadas mais tarde para desenvolver a Teoria da Incongruência.

Keith-Spiegel (1972) defende que Platão é um protótipo da Teoria da Ambivalência, que ressalta a percepção de dois sentimentos contrastantes. De acordo com ele, pessoas riem do que é novo ou inconsistente com seus esquemas prévios (cf. PERKS, 2012). Ainda que o principal livro de Aristóteles sobre comédia não tenha chegado aos dias de hoje, tem-se mencionado que sua visão do humor era baseada em uma combinação incongruente e no elemento surpresa (cf. JANKO, 1984, ATTARDO, 1994; PERKS, 2012). No entanto, a filosofia grega não foi a única a tratar da incongruência. Alguns estudiosos romanos, começando por Cícero, também descreveram métodos diferentes por meio dos quais um falante pode usar o elemento surpresa. Como notado por Attardo (1994), o trabalho de Cícero explicou os gêneros de humor, introduzindo a distinção entre humor verbal e referencial. Por um lado, o humor referencial inclui anedotas e caricaturas que se referem a outras pessoas. Por outro lado, o humor verbal inclui uma variedade completa de métodos, como ambiguidade, falsas etimologias, provérbios, interpretações

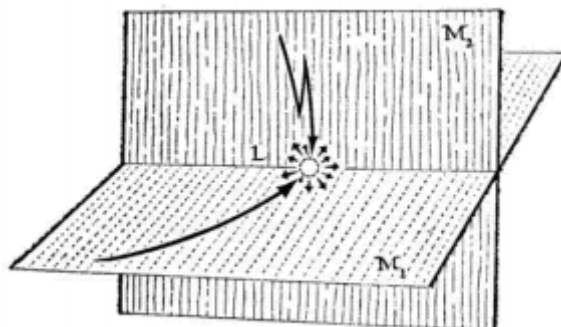
⁸ N.T. Na versão original em inglês, *gender humor*.

literais de significados figurativos, metáforas ou até ironia. Esta última categoria diz respeito à incongruência e ao inesperado. Como afirma Cícero, “de todas as piadas, nenhuma cria riso maior do que algo dito ao contrário das expectativas, do que existem inúmeros exemplos” (II.LXX). A diversão, neste caso, surge do sentimento de surpresa, visto que o discurso encaminha um significado diferente daquele antecipado pelo ouvinte.

Até o momento, todas essas explicações indicam que a incongruência gira em torno da ideia de que o humor é baseado em duas partes distintas que não se coadunam. Como observado por Morreall (2009), não é este o caso. A incongruência, como um fenômeno cognitivo, destaca o modo como a experiência humana é adquirida por meio de padrões aprendidos. Algumas vezes, nós percebemos ou imaginamos coisas e/ou eventos de forma diferente do nosso padrão mental: “O significado central da incongruência em teorias de incongruência padrão é que alguma coisa ou evento que percebemos ou sobre o qual pensamos viola os nossos padrões mentais normais e nossas expectativas normais” (MORREALL, 2009). A ideia de incongruência pode ser encontrada também em trabalhos de filósofos mais modernos, tais como Kant, Schopenhauer ou Kierkegaard. A visão de Kant sobre a incongruência, por exemplo, é demasiado complexa para ser elaborada aqui, mas, essencialmente, ele a vê como uma violação das nossas expectativas: “Em tudo que é para provocar uma vívida e convulsiva risada tem de haver alguma coisa absurda [...]. O riso é uma afeição decorrente da transformação repentina de uma expectativa tensionada em nada” (como citado em MORREALL, 2009). O foco é dado ao fato de que repentinamente ocorre, no discurso, um choque, uma mudança que geralmente reduz nossa expectativa a nada. Nesse sentido, Schopenhauer foi o primeiro a dar uma definição mais específica ao fenômeno: “a causa do riso em todos os casos é simplesmente a repentina percepção da incongruência entre um conceito e os objetos reais que têm sido pensados por meio dele em alguma relação, e a risada é apenas a expressão desta incongruência” (apud RASKIN, 1985, p. 31). De modo análogo, Koestler (1964) destaca a ideia de bissociação⁹, ao afirmar o papel que a experiência e a comunicação desenvolvem nas projeções mentais de ideias (cf. Krikmann 2006, p. 28). A figura 1, a seguir, apresenta a ideia de bissociação de Koestler:

⁹ N.T. Na versão original em inglês, *bisociation*.

Figura 1 - Visão de Koestler sobre a bissociação



De acordo com Koestler, o humor envolve uma variedade de estímulos intelectuais e emotivos aos quais o cérebro humano reage. Uma bissociação repentina de um evento mental a duas matrizes normalmente incompatíveis (M_1 e M_2) não permite que nossas emoções acompanhem esta rápida mudança e encontra sua solução no riso (L). Conforme já salientado por Brône e Feyaerts (2003, p. 1), a teoria da bissociação de Koestler é relevante, uma vez que “ele investiga os fundamentos cognitivos comuns de fenômenos muito díspares, como humor, criatividade artística e descoberta científica.” Como observado por Attardo (1994), essas são claramente as raízes das teorias de incongruência modernas. Anos mais tarde, Raskin (1985) desenvolveu a ideia de oposição de *script*¹⁰ em relação ao humor, que é influenciada pela Teoria da Incongruência. Para o melhor entendimento deste processo, considere-se o exemplo a seguir, retirado de Raskin (1985):

- (2) “O doutor está em casa?”, o paciente pergunta com um sussurro brônquico. “Não”, sussurrou em resposta a jovem e bonita esposa do médico. “Entre”¹¹.

Conforme indicado por Raskin, o humor, neste exemplo, tem como base a sobreposição de duas leituras distintas. Na sua teoria de oposição de *scripts*, dois *scripts* (também chamados de esquemas ou *frames* de referência) se sobrepõem. Os dois *scripts* compartilham uma determinada característica que faz a mudança de um significado para o outro possível. Este processo cognitivo é engraçado, como visto no exemplo (2). É óbvio que o paciente em (2) quer ver o

¹⁰ N.T. Na versão original em inglês, *script-oppositeness*.

¹¹ N.T. Na versão original em inglês:

No original: (2) “Is the doctor at home?” the patient asked in his bronchial whisper. “No”, the doctor’s young and pretty wife whispered in reply. “Come right in.”

médico, um fato evidenciado por seu “sussurro brônquico”. Enquanto o sussurro do paciente pode ser explicado por sua doença, o da “jovem e bonita esposa” do médico é deixado sem explicação. A incongruência surge quando a “jovem e bonita esposa” convida o paciente a entrar enquanto o médico não está em casa. Assim, um *script* não-sexual inicial (ou [-sexual]) sobrepõe-se à leitura do episódio com uma característica [+sexual], e é o convite da esposa que causa a mudança instantaneamente. A primeira situação (a saber, o paciente procurando um médico) é sobreposta por uma situação de adultério que é imposta ao leitor. Os detalhes dados pela piada (o “sussurro brônquico”, o verbo “sussurrar”) ajudam o leitor a reconhecer a nova situação e reinterpretar o texto de uma forma engraçada. Esses elementos (“sussurro”, “jovem”, “bela”) causam a mudança entre as duas interpretações incompatíveis ([-sexual] e [+sexual]). Sem isto, a primeira situação seria a única entendida pelo falante/escritor (mas possivelmente não a única que ouvinte poderia entender). Ou, conforme defendido por Pinker (1997), um *frame* de referência não é mais compatível com o contexto e tem de ser substituído por outro.

A Teoria da Incongruência, apropriadamente sintetizada por Krikmann (2006), refere-se ao processamento de informação textual por um receptor. A tentativa dele de encontrar a interpretação mais saliente do texto encontra um obstáculo semântico, “então alguns trabalhos cognitivos instantâneos serão feitos para superar a contradição e para que outra interpretação até então oculta possa ser encontrada” (KRIKMANN, 2006, p. 27).

3 Uma abordagem diferente

Outra possibilidade é que essas teorias do humor¹² não estejam realmente em conflito e devam ser consideradas complementares, ponto de vista também defendido por Raskin:

As três abordagens, na verdade, caracterizam o complexo fenômeno do humor a partir de ângulos muito diferentes e de forma alguma se contradizem - ao invés disso, elas parecem complementar-se muito bem¹³. Nos nossos termos, as teorias baseadas na incongruência se referem ao estímulo; as teorias da superioridade caracterizam as relações ou atitudes entre o falante e o ouvinte; e as teorias de liberação/relaxamento comentam apenas sobre os sentimentos e psicologia do ouvinte (RASKIN, 1985, p. 4).

¹² Isso inclui a Teoria do Alívio, da qual não tratamos aqui.

¹³ N.T. Na versão original em inglês, *quite nicely*

Portanto, falas humorísticas podem ser interpretadas a partir de diferentes pontos de vista, a depender de qual conceito se quer enfatizar. O exemplo (3) foi retirado de Weaver (2011, p. 29):

- (3) Q: Qual posição sexual produz as crianças mais feias?
A: Pergunte a um muçulmano...!!¹⁴.

Do ponto de vista da Teoria da Superioridade, o exemplo (3) visa ridicularizar os muçulmanos; eles são, portanto, inferiores a outros grupos étnicos. A Teoria da Incongruência permite ligar muçulmanos à feiúra, com uma repentina troca de um *frame* para o outro: a característica [+muçulmano] está ligada à característica [+feio]. Isso implica que, ao acessar o *script*¹⁵ [+muçulmano], o recipiente também acessará a característica [+feio] ao mesmo tempo (ou vice-versa). Essa mudança é dada pela segunda fala, quando os ouvintes são capazes de ligar as características uma à outra. Weaver conclui que “uma interpretação da piada que une as três teorias não precisa criar conflito.”

O humor é um campo muito vasto, que inclui variados exemplos, e muitos pesquisadores decidiram desenvolver essas teorias em conjunto. Kirkmann (2006, p. 28) observa que teorias linguísticas sobre o humor giram em torno da Teoria da Incongruência, mesmo que pesquisadores como Raskin e Attardo prefiram negá-lo. Isso não é inteiramente falso, uma vez que os exemplos aqui apresentados favorecem uma mudança de uma imagem mental para outra, que se torna possível por meios linguísticos. Ainda assim, mostraremos que a Teoria da Superioridade também tem um papel na criação e no entendimento de conceitos humorísticos, como o sarcasmo.

4 Sarcasmo: entre Incongruência e Superioridade

O sarcasmo tem sido comparado principalmente à ironia, que é definida como “dizer o oposto do que você quer dizer”, como discutido por Grice

¹⁴ N.T. Na versão original em inglês:

(3) Q: Which sexual position produces the ugliest children?

A: Ask a Muslim...!!

¹⁵ Ver Raskin (1985) para uma análise de *scripts* mais detalhada.

(1989) ou Sperber e Wilson (1981) entre outros¹⁶. Lee e Katz (1998) enfatizam que a distinção principal entre ironia e sarcasmo é a agressividade. Parece que o sarcasmo tem uma conotação mais negativa quando comparado à ironia, porque ele inclui uma crítica (MESING et al., 2012).

De acordo com Barbe (1995, p. 28), o sarcasmo é mais pessoal que a ironia, e seu propósito é evidente para todos os participantes. Além disso, Averbek (2013, p. 49) considera que a diferença principal entre ironia e sarcasmo é que aquela não identifica o destinatário (isto é, o alvo) enquanto este é mais crítico e identifica o destinatário. Diz-se que, quando se usa o sarcasmo, o tom do falante é agressivo (LEE & KATZ, 1998; BOWES & KATZ, 2011). Em outras palavras, o sarcasmo é mais abertamente crítico do que a ironia, com “marcadores/deixas claros e um alvo evidente”. (ATTARDO, 2000, p. 795).

No presente estudo, consideramos apenas a noção de sarcasmo, e não a de ironia, em virtude da clara agressividade e crítica que caracterizam as falas sarcásticas. Nós focamos principalmente o modo como a Teoria da Superioridade e a Teoria da Incongruência explicam o sarcasmo, uma como uma linguagem agressiva e uma atitude que o falante poderá mostrar diante de um interlocutor, e a outra em termos de incompatibilidade entre significados diferentes que são gerados nas falas sarcásticas. Desta forma, por um lado, o sarcasmo implica algum tipo de alvo ou vítima de um escárnio explícito por parte do falante e, por outro lado, expressa um pensamento “oposto” (incongruente) ao que o falante mostra em seu comportamento. Os exemplos discutidos a seguir foram retirados de duas séries de televisão: *House M.D.* e *The Big Bang Theory*. O primeiro é um drama médico, que inclui, no entanto, um grande número de observações sarcásticas e sagazes (geralmente proferidas pelo personagem principal, Dr. Gregory House), enquanto o último é uma comédia de situação (*sitcom*), que, por definição, tem por objetivo ser cômica. Enquanto Dr. House é sarcástico de propósito com o fim de triunfar sobre todo mundo ao seu redor e mostrar sua maestria verbal, *The Big Bang Theory* apresenta um grupo de “nerds acadêmicos”¹⁷

¹⁶ Gibbs (2000) afirma que os estudos de ironia são, na verdade, estudos sobre sarcasmo, uma vez que há muita confusão em torno desses conceitos. De maneira similar, Nunberg (2001) acredita que o conceito de sarcasmo foi expandido para incluir o conceito de ironia. Inversamente, Tobin e Israel (2012, p.26) veem o sarcasmo como um “caso paradigmático” de ironia, ao passo que Kihara (2005) considera o sarcasmo uma “subcategoria” de ironia.

¹⁷ N.T. Na versão original em inglês, *nerdy scholars*. *Nerdy* é um adjetivo de uso informal derivado do substantivo *nerd*, vocábulo gírio que descreve indivíduos pouco aptos socialmente cujo

bem-sucedidos que frequentemente compreendem mal o mundo e as pessoas ao seu redor. Ambas as séries foram escolhidas por conta de suas disparidades, o que permite uma grande variedade de enunciados sarcásticos.

A seguir, apresentamos exemplos de sarcasmo que são analisados a partir das perspectivas das teorias da Superioridade e da Incongruência, mostrando como as técnicas descritas por ambas nos ajudam a entender a maneira como o sarcasmo é criado no discurso. Os exemplos nas séries vieram de interação, o que permite que significados sejam criados a partir do que os falantes anteriores tinham dito (vejam também os exemplos apresentados anteriormente).

5 Exemplos de interação de humor¹⁸

O exemplo (4), a seguir, é retirado da série de televisão *House M.D.* Tal exemplo constrói o sarcasmo por meio do uso de uma metáfora, que toma como alvo o Dr. House. Nesta cena, Dr. House, aborrecido pela presença de sua chefe (Cuddy) na sala, pergunta para um dos membros de sua equipe se fora ele que havia ligado para ela:

- (4) House: [para Chase, porque Cuddy está na sala] O quê, você tem ela na discagem rápida?
Cuddy: Eu apenas sigo o aroma de arrogância.¹⁹

Esse exemplo é consistente com as teorias de Superioridade e de Incongruência. Por um lado, a Superioridade é detectada na alusão específica a House, visto que o *aroma de arrogância* refere-se claramente a ele. Essa perspectiva exagerada sugere que a arrogância de House começou a cheirar (o que reforça uma perspectiva exagerada da arrogância dele). A falante (Cuddy), nesse caso, coloca-se acima de seu alvo (House). Por outro lado, da perspectiva da Incongruência, os ouvintes estão cientes de que essa é uma

desempenho escolar e acadêmico pode ser notável e que apresentam uma espécie de obsessão por determinados temas ou atividades, tais como a leitura, jogos e/ou informática.

¹⁸ N.T. Vale salientar que a tradução dos exemplos levou em conta o contexto da própria cena do episódio e o caráter oral das interações.

¹⁹ N.T. Exemplo retirado do episódio *Role model* (Fox Network, 2005). Na versão original em inglês:

(4) House: [to Chase, because Cuddy is in the room] What, you've got her on speed dial?

Cuddy: I just follow the scent of arrogance.

metáfora e que a arrogância de House não cheira realmente, uma vez que não existe algo com *aroma de arrogância*. A metáfora ARROGÂNCIA É UM AROMA²⁰ é também incongruente devido à incompatibilidade das ideias a que ela se refere. Arrogância alude a uma atitude negativa enquanto que a palavra *aroma* relaciona-se a um cheiro agradável. As duas ideias são incompatíveis em significado, destacando, assim, a teoria da Incongruência.

Considere-se o exemplo (5) a seguir, também retirado de *House M.D.* Nesta cena, a equipe se reúne para debater a condição do paciente. A opinião de Kutner (funcionário de House) é ridicularizada pela fala de House, que se baseia na reação surpresa de Taub após sugestão de Kutner:

- (5) Kutner: Prednisona pode causar *roid rage*²¹, que poderia causar hipertensão, que resulta...
- Taub: *Roid rage* após seis horas?
- House: Nesse ritmo, até o pôr do sol ele terá comido todos nós.²²

Nesse caso, o sarcasmo é construído por meio do raciocínio²³ (isto é, se P, então Q; ver Schechter [2013]). Se a sugestão de Kutner for verdadeira e o paciente puder desenvolver *roid rage* após seis horas, então ele terá comido o resto da equipe até o pôr do sol. A partir da perspectiva da Teoria de Superioridade, esse é também um caso em que está implícito que o falante (House) coloca-se acima do alvo de sua zombaria (Kutner). Isso é sugerido pelo raciocínio que está por trás da fala sarcástica, na qual o falante fornece uma estimativa virtual dos resultados de tal hipótese ser verdadeira. Da perspectiva da Teoria da Incongruência, é a falta de seriedade que cria a incompatibilidade

²⁰ De acordo com a Teoria de Metáfora Conceptual na Linguística Cognitiva (Lakoff & Johnson, 1980).

²¹ N.T. A expressão gíria *roid rage* refere-se ao comportamento caracterizado por raiva intensa expressa física e/ou verbalmente causada pelo uso de esteroides anabolizantes.

²² N.T. Exemplo retirado do episódio *No more Mr. Nice Guy* (Fox Network, 2008). Na versão original em inglês:

- (5) Kutner: Prednisone could cause Roid rage, which could cause hypertension, which results...
- Taub: Roid rage after six hours?
- House: At that rate, by sundown, he'll have eaten all of us.

²³ Esse mecanismo inclui uma hipótese (P) e uma conclusão (Q). Schechter (2013) defende que, no raciocínio dedutivo, “a verdade das proposições de entrada (as premissas) garante logicamente a verdade da proposição de saída (a conclusão)”. Consequentemente, é a hipótese que gera a verdade da conclusão. A maior parte desses exemplos são introduzidas por *if-clauses* (*orações condicionais*, em português), que ligam a hipótese à conclusão.

de significados. Obviamente, por um exagero dos resultados (a saber, que o paciente terá comido todos eles até o pôr do sol), o falante marca a falta de seriedade da fala de House (ele não espera sinceramente que o paciente irá comê-los). Esse exagero é que cria a oposição no sarcasmo.

No exemplo (6), a seguir, Kutner sugere um novo caso para Dr. House. A maneira como Kutner se expressa é novamente sujeita a crítica, que vem sob a forma de sarcasmo, baseado nas teorias da Superioridade e da Incongruência:

(6) Kutner: Eu tenho um garoto doente. Eu vi um mágico na noite de ontem [...] O coração dele parou enquanto ele estava de cabeça para baixo num tanque com água.

House: O coração de um homem se afogando parou. Isso é um mistério!²⁴

Esse exemplo baseia-se na explicitação²⁵, por meio da qual o falante faz uma declaração óbvia para os interlocutores. Pela apresentação da fala de Kutner a partir de uma perspectiva diferente — *enquanto ele estava pendurado de cabeça para baixo no reservatório de água torna-se um homem que se afoga* — o efeito de humor é dado ao contexto. A partir da perspectiva da Teoria da Superioridade, House zomba de Kutner, sugerindo que este não vê algo bastante óbvio: um homem que está de cabeça para baixo em um tanque de água está realmente se afogando. Ao apresentar a nova perspectiva, House torna Kutner o alvo de sua piada. A ideia de incongruência é salientada pela adição de *Isso é um mistério* ao final da resposta de House. Ela sugere, na verdade, uma ideia de oposição, também enfatizada por uma nova perspectiva dada para o contexto: se um homem está de cabeça para baixo em um reservatório de água, não é um mistério seu coração ter parado. A fala *Isso é um mistério*, seguindo as teorias de

²⁴ N.T. Exemplo retirado do episódio *You don't want to know* (Fox Network, 2007). Na versão original em inglês:

(6) Kutner: I have a sick guy. I saw this magician last night [...] His heart stopped while he was hanging upside down in the water tank.

House: A drowning man's heart stopped. That is a mystery.

²⁵ Tabacaru (2014) apresenta explicitação como algo descaradamente óbvio. O efeito de humor virá da afirmação do óbvio ou apenas da exemplificação do significado de uma fala. Na verdade, ao afirmar o óbvio, o falante enfatiza certa ideia que, então, torna-se uma forma de escárnio.

ironia e sarcasmo, representa o oposto do que House quis dizer – não é mistério que um homem nessa situação irá começar a se afogar.

O exemplo (7), retirado da série *The Big Bang Theory*, apresenta um diálogo entre Leonard e Sheldon, que moram juntos. Leonard entra na sala cantando uma música de seu iPod:

- (7) Leonard: [cantando] Você não me conhece, você não carrega minhas correntes...
Meu Deus, essa é uma boa canção.
Sheldon: Se você estiver compilando um CD para um suicídio duplo.²⁶

Sarcasmo combinado com exagero e hipercompreensão²⁷ está presente na resposta de Sheldon à avaliação positiva da canção feita por Leonard, que se torna o alvo da zombaria de seu interlocutor. A incongruência entre as duas diferentes interpretações é construída por meio do adjetivo *boa*, que permite adicionar diferentes perspectivas para o mesmo contexto. O primeiro significado que vem à mente quando Leonard diz *essa é uma boa canção* é alterado pela observação *se você estiver compilando um CD para um suicídio duplo*. Os dois interlocutores usam diferentes significados/interpretações para o mesmo adjetivo, tal como indicado a seguir. A mesma forma (*boa*) realiza a mudança a partir de uma leitura para outra, o que permite alterar a interpretação pretendida por Leonard.

(Leonard) Boa canção = uma canção de alta qualidade

(Sheldon) Boa canção = canção adequada para uma dada situação

Esse exemplo reúne mais uma vez recursos de duas teorias de humor, por girar em torno de um alvo (Leonard) e também pela criação de uma incongruência entre os diferentes significados (o pretendido por Leonard é alterado pelo novo sentido na resposta de Sheldon). O mesmo acontece no

²⁶ N.T. Exemplo retirado do episódio *The Fuzzy Boots Corollary* (TBS, 2007). Na versão original em inglês:

- (7) Leonard: [singing] You don't know me, you don't wear my chains...
God, that's a good song.
Sheldon: If you're compiling a mix CD for a double suicide.

²⁷ A hipercompreensão tem sido definida como a exploração dos pontos fracos na fala anterior do falante. O novo significado irá “divertidamente” ser o eco da fala anterior pela “virada de jogo” e mudança da interpretação inicial ao revelar os potenciais pontos fracos das escolhas linguísticas do outro” (BRÔNE, 2008, p. 2031).

exemplo (8) a seguir, também retirado de *The Big Theory*, no qual a palavra *look*²⁸, inicialmente usada como substantivo, é transformada em verbo, a fim de escarnecer Leonard. De maneira semelhante ao que ocorre nos exemplos anteriores, as ideias de superioridade e incongruência ajudam a criar o sarcasmo e a hipercompreensão na observação final:

(8) Leonard: Não, eu não sou ciumento; eu estou apenas um pouco preocupado com ela. Eu não gostei da aparência (*look*) do rapaz que estava com ela.

Howard: Porque ele tem aparência (*looks*) melhor do que a sua?²⁹

Claramente, Howard tirou proveito da má escolha de palavras feita por Leonard quando ele disse que não gosta *da aparência do rapaz* (*the look of the guy*). O substantivo *aparência* (*look*) na interpretação de Leonard refere-se à aparência física, mas a implicação é que o rapaz pode parecer de alguma forma perigoso. Esse sentido é sobreposto pela interpretação de Howard, que usa *parecer* (*look*) como um verbo. Desta vez, a leitura é revertida, e mesmo que ele ainda se refira à aparência física, a implicação é que o rapaz é atraente, de boa aparência (daí o uso do adjetivo *melhor*). Essa hipercompreensão é possível em virtude da polissemia: o primeiro sentido de uma palavra (nesse caso, *look*) é revertido com outro significado da mesma palavra/forma. Assim, a interpretação de aparência perigosa na primeira fala é substituída pela atratividade física, ambos os significados gerados pela mesma forma. No segundo caso, o adjetivo *melhor* permite uma leitura positiva em lugar da leitura negativa sugerida pela fala de Leonard. Esse elemento chave permite que Howard “vire o jogo” com relação a Leonard (lexicalmente, nesse caso). O efeito de humor é devido a essa reversão na interpretação e à mudança nos significados. A superioridade vem da zombaria dirigida a Leonard (o alvo da

²⁸ N.T. A palavra *look* é polissêmica, podendo significar, como verbo, “parecer” (*They look sad* → *Eles parecem tristes*) ou “ter aparência” (*They look good* → *Eles têm boa aparência*); como substantivo, *look* normalmente é traduzido como “aparência”, “jeito”. A reversão da leitura devido à transformação da forma *look* causa humor na versão original do exemplo; contudo, em português, não há uma forma correspondente.

²⁹ N.T. Exemplo retirado do episódio *The Fuzzy Boots Corollary* (TBS, 2007). Na versão original em inglês:

(8) Leonard: No, I'm not jealous; I'm just a little concerned for her. I didn't like the look of the guy that she was with.

Howard: Because he looks better than you?

piada, neste caso), que não seria tão bonito quanto a outra pessoa, enquanto que a Incongruência permite a mudança de significado.

Outro exemplo é (9), retirado de *House M.D.*, no qual Foreman (empregado de House) pergunta sobre o fato de House não querer fazer a análise para os membros de sua equipe. Em resposta, House utiliza o sarcasmo e a hipercompreensão (compare com o exemplo (7) acima), a fim de escarnecer Foreman:

- (9) Foreman: Você não quer dar conta da papelada.
House: Eu estou preocupado com a floresta tropical.³⁰

É a partir da palavra *papelada* de Foreman em que tanto o sarcasmo quanto a hipercompreensão são construídos. Mais particularmente, a hipercompreensão é desencadeada pela palavra *papel*, que metonimicamente refere-se a um problema que o mundo enfrenta hoje: o desmatamento. Dar conta da papelada implicaria, assim, o uso de papel, e House tira vantagem da escolha de palavras de Foreman para mudar a interpretação para um problema maior que o mundo está enfrentando. A assim chamada preocupação com a floresta tropical é, na verdade, um comentário sarcástico que tem como alvo Foreman e também a sociedade moderna e seus interesses. A incongruência, então, aparece na resposta de House, como uma forma de atingir Foreman e as preocupações modernas, bem como em sua declaração *Eu estou preocupado*, que não tem caráter sério e é usada para criar implicações humorísticas.

Um último exemplo é (10), retirado da série *The Big Bang Theory*; nele, a cena se passa no escritório do Dr. Gablehauser (o chefe do Departamento), que procura acalmar uma disputa entre Sheldon e Leslie, uma colega, que apelidou Sheldon de *Dr. Idiota*:

³⁰ N.T. Exemplo retirado do episódio *No more Mr Nice Guy* (Fox Network, 2008). Na versão original em inglês:

- (9) Foreman: You don't want to do the paperwork.
House: I am concerned about the rainforest.

- (10) Gablehauser: Dr. Winkle, por qual nome você chamou o Dr. Cooper desta vez?
Leslie: Dr. Idiota.
[...]
[O telefone de Sheldon começa a tocar]
Gablehauser: Você precisa atender, Dr. Cooper?
Sheldon: Deus, não.
Leslie: Bem, não desligue o telefone; você pode perder a chamada do Comitê Nobel informando que você foi indicado para o prêmio de idiota do ano.³¹

O sarcasmo aqui é alcançado pelo uso da metonímia (CARACTERÍSTICA POR ENTIDADE), por meio da qual se faz referência a Sheldon em termos de uma das suas características, de acordo com Leslie. Assim, Leslie usa o adjetivo *idiota* para referir-se a ele, exagerando a perspectiva ao sugerir que ele poderia ser *indicado ao prêmio de idiota do ano*. Essa visão exagerada sugere que ele passaria então a ser conhecido internacionalmente por ser um idiota. A Teoria da Superioridade vem a partir do insulto que é dirigido a Sheldon por Leslie, que se coloca, por sua vez, acima dele. A Teoria da Incongruência, por sua vez, vê o descompasso entre o que Leslie diz e o que ela quer dizer: ela não acredita sinceramente que o Comitê Nobel indicará Sheldon para o *prêmio de idiota do ano*. Os ouvintes (e o público em casa assistindo ao programa) estão conscientes desse conflito e percebem isso como um discurso sem seriedade, ou como um espaço de simulação³² (FAUCONNIER, 1984, 1994).

Como visto nos exemplos, ambas as teorias de humor combinam-se a fim de criar implicações sarcásticas. A Teoria da Superioridade fica evidente em virtude da existência de um alvo, traço específico do sarcasmo (em

³¹ N.T. Exemplo retirado do episódio *The Barbarian Sublimation* (TBS, 2008). Na versão original em inglês:

- (10) Gablehauser: Dr. Winkle, what colorful name did you call Dr. Cooper this time?
Leslie: Dr. Dumbass.
[...]
[Sheldon's phone goes off]
Gablehauser: You need to get that, Dr. Cooper?
Sheldon: God, no.
Leslie: Well, don't turn it off; you might miss your call from the Nobel committee letting you know you've been nominated as dumbass laureate of the year.

³² N.T. Na versão original em inglês, *pretense space*.

oposição à ironia, por exemplo), contra o qual zombarias são dirigidas. Para a Teoria da Incongruência, o sarcasmo, em especial, apresenta ideias incongruentes com o que o falante mostra ser verdade ou incongruência com a situação apresentada.

Considerações finais

Nesse artigo, exploramos o sarcasmo a partir da perspectiva das teorias da Superioridade e da Incongruência. Um tipo humorístico como o sarcasmo, que, segundo se diz, reúne um pensamento oposto (GRICE, 1989) e um alvo (ATTARDO, 2000; AVERBECK, 2013), congrega, então, características de ambas as antigas teorias de humor. A compreensão do sarcasmo significa vê-lo a partir dessas duas perspectivas que incluem significados incongruentes, bem como uma agressividade ou críticas dirigidas a um alvo.

O sarcasmo não é, pois, apenas o oposto do pensamento pretendido por alguém (como seria o caso da ironia); ele reúne essas duas teorias para a criação de significados e implicações ricos e humorísticos. As ideias de incongruência e a existência de um alvo mostram-se fundamentais para a construção de sentidos sarcásticos. O entendimento dessas duas teorias subjacentes, cuja combinação permite a criação de significados sarcásticos, elucida a forma como esse mecanismo é formado na conversação.

Além disso, os dados aqui apresentados abrem novos caminhos para futuras pesquisas que podem, por sua vez, auxiliar a investigar e traçar os limites entre os mecanismos como a ironia e o sarcasmo. Embora a ideia de incongruência tenha sido associada a observações irônicas e sarcásticas (por exemplo, AVERBECK & HAMPLE, 2008), a ideia da superioridade tem sido relacionada com o sarcasmo (ATTARDO, 2000, por exemplo). Como a pesquisa de humor é ainda recente (RUIZ GURILLO & ALVARADO ORTEGA, 2013), a investigação deve centrar-se na delimitação dessas duas técnicas usadas para alcançar o humor.

Outra área de pesquisa³³ poderia levar em consideração o domínio da argumentação no sarcasmo, especialmente em exemplos como os de *House M.D.*, nos quais Dr. House repetitivamente usa observações sarcásticas como

³³ Agradecemos a um dos pareceristas pela sugestão da ligação entre argumentação e sarcasmo.

TABACARU, Sabina. Uma visão geral das Teorias do Humor: aplicação da Incongruência e da Superioridade ao sarcasmo. Trad. Douglas Rabelo de Sousa, Maria Gabriela Rodrigues de Castro, Winola Weiss Pires Cunha, Filipe Mantovani Ferreira. **EID&A - Revista Eletrônica de Estudos Integrados em Discurso e Argumentação**, Ilhéus, n. 9, p. 115-136, dez.2015.

argumento. Do ponto de vista da Teoria da Superioridade, esses exemplos podem ser vistos como argumentos de sua superioridade, por considerar outras pessoas como inferiores a ele.

Embora nesse artigo tenhamos apresentado apenas alguns exemplos de sarcasmo na interação, eles claramente evidenciam a existência de superioridade (ou seja, de um *alvo*) e incongruência. Ainda assim, como também indicado anteriormente, há ainda consideráveis campos de pesquisa a serem desbravados, os quais poderiam colaborar para que se delineassem com mais precisão processos como a ironia e o sarcasmo.

Referências

ATTARDO, S. Irony as relevant inappropriateness. **Journal of Pragmatics**, v. 32, p. 793-826, 2000.

_____. Translation and Humour: An Approach Based on the General Theory of Verbal Humour. **The Translator**, v. 8, n. 2, p. 173-194. Número especial: Translating humor, VANDAELE, J. (Org.). 2002.

AVERBECK, J. M. Comparison of ironic and sarcastic arguments in terms of appropriateness and effectiveness in personal relationships. **Argumentation and Advocacy**, Florida, v. 50, p. 47-57, 2013.

_____. MAMPLE, D. Ironic message production: How and why we produce ironic messages. **Communication Monographs**, v. 75, p. 396-410, 2008.

BARBE, K. **Irony in context**. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins Publishing Company, 1995.

BOWES, A.; KATZ, A. When sarcasm stings. **Discourse Processes**, v. 48, p. 215-236, 2011.

BRÔNE, G. Hyper and misunderstanding in interactional humor. **Journal of Pragmatics**, v. 40, p. 2027-2061, 2008.

CICERO. **Cicero on oratory and orators**. Tradução e Edição de John Selby Watson. Carbondale: Southern Illinois University Press, 1970.

FAUCONNIER, G. **Espaces mentaux**. Aspects de la construction du sens dans les langues naturelles. Paris: Les Editions de minuit, 1984.

TABACARU, Sabina. Uma visão geral das Teorias do Humor: aplicação da Incongruência e da Superioridade ao sarcasmo. Trad. Douglas Rabelo de Sousa, Maria Gabriela Rodrigues de Castro, Winola Weiss Pires Cunha, Filipe Mantovani Ferreira. **EID&A - Revista Eletrônica de Estudos Integrados em Discurso e Argumentação**, Ilhéus, n. 9, p. 115-136, dez.2015.

_____. **Mental spaces**. Aspects of meaning construction in natural language. Cambridge: Cambridge University Press, 1994.

FERGUSON, M. A.; FORD, T. E. Disparagement humor: A theoretical and empirical review of psychoanalytic, superiority, and social identity theories. **Humor: International Journal of Humor Research**, v. 21, n. 3, p. 283-312, 2008.

FREUD, S. **Jokes and their relation to the unconscious**. New York/London: W.W. Norton & Company, 1989.

GIBBS, R. Irony in talk among friends. **Metaphor and Symbol**, v. 15, p. 5-27, 2000.

GRICE, P. **Studies in the way of words**. Cambridge: Harvard University Press, 1989.

GRUNER, C. **The game of humor: A comprehensive theory of why we laugh**. New Brunswick: Transaction Publishers, 1997.

JANKO, R. **Aristotle on comedy: Towards a reconstruction of Poetics II**. Berkeley: University of California Press, 1984.

JOECKEL, S. Funny as hell: Christianity and humor reconsidered. **Humor: International Journal of Humor Research**, v. 21, n. 4, p. 415-433, 2008.

KEITH-SPIEGEL, P. Early conceptions of humor: Varieties and issues. In: GOLDSTEIN, J. H.; MCGHEE, P. E. (Eds.). **The Psychology of Humor: Theoretical perspectives and empirical issues**. New York: Academic Press, 1972, p. 4-39.

KIHARA, Y. The mental space structure of verbal irony. **Cognitive Linguistics**, v. 16, n. 3, p. 513-530, 2005.

KOESTLER, A. **The Art of Creation**. London: Hutchinson & Co, 1964.

KRIKMANM, A. Contemporary linguistic theories of humor. **Folklore**, Tartu, v. 33, p. 27-58, 2006. Disponível em: <<http://www.folklore.ee/folklore/vol33/kriku.pdf>>. Acesso em 15 de out. 2015.

LAKOFF, G.; JOHNSON, M. **Metaphors we live by**. Chicago: University of Chicago Press, 1980.

LEE, C. J.; KATZ; A. N. The differential role of ridicule in sarcasm and irony. **Metaphor and Symbol**, v. 13, p. 1-15, 1998.

MESING, J.; WILLIAMS, D.; BLASKO, D. Sarcasm in relationships: hurtful or humorous? **International Journal of Psychology**, v. 47, p. 724-724, 2012.

TABACARU, Sabina. Uma visão geral das Teorias do Humor: aplicação da Incongruência e da Superioridade ao sarcasmo. Trad. Douglas Rabelo de Sousa, Maria Gabriela Rodrigues de Castro, Winola Weiss Pires Cunha, Filipe Mantovani Ferreira. **EID&A - Revista Eletrônica de Estudos Integrados em Discurso e Argumentação**, Ilhéus, n. 9, p. 115-136, dez.2015.

MORREALL, J. **The philosophy of laughter and humor**. Albany: State University of New York Press, 1987.

_____. **Comic relief: a comprehensive philosophy of humor**. West Sussex: Blackwell Publishing, ebook, 2009.

NO MORE Mr. Nice Guy. **House M. D.** 4.^a Temp., epis. 13. EUA: Fox Network, 28 abr 2008. Seriado.

NUNBERG, G. **The way we talk now: Commentaries on language and culture**. Boston: Houghton Mifflin, 2001.

PERKS, L. G. The ancient roots of humor theory. **Humor: International Journal of Humor Research**, v. 25, n. 2, p. 119-132, 2012.

PINKER, S. **How the mind works**. Harmondsworth: Penguin, 1997.

RAPP, A. Toward an eclectic and multilateral theory of laughter and humor. **Journal of General Psychology**, v. 36, n. 2, p. 207-219, 1947.

RASKIN, V. **Semantic mechanisms of humor**. D. Reidel: Dordrecht, 1985.

ROLE MODEL. **House M. D.** 1.^a Temp., epis. 17. EUA: Fox Network, 12 abr 2005. Seriado.

RUIZ GURILLO, L. R.; ALVARADO ORTREGA, M. B. In: Ruiz Gurillo, L. R.; Alvarado Ortega, M. B. (Eds.). **Irony and humor**. From pragmatics to discourse. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins Publishing Company, 2013. p. 1-13.

SCHECHTER, J. Deductive reasoning. In: HAROLD, P. (Ed.). **Encyclopedia of the Mind**. Thousand Oaks: SAGE Publishing, v. 4, 2013. p. 227-231.

SPERBER, D.; WILSON, D. Irony and use-mention distinction. In: COLE, P. (Ed.). **Radical pragmatics**. New York: Academic Press, 1981. p. 295-318.

TABACARU, S. **Humorous implications and meanings: a multimodal study of sarcasm in interactional humor**. Lille: Université Charles de Gaulle - Lille III, 2014.

THE BARBARIAN Sublimation. **The Big Bang Theory**. 2.^a Temp., epis. 03. EUA: TBS, 6 out 2008. Seriado.

THE FUZZY Boots Corollary. **The Big Bang Theory**. 1.^a Temp., epis. 03. EUA: TBS, 8 out 2007. Seriado.

TOBIN, V.; ISRAEL, M. Irony as a viewpoint phenomenon. In: DANCYGIER, B; SWEETSER, E. (Eds.). **Viewpoint in language**. A multimodal perspective. Cambridge: Cambridge University Press, 2012. p. 25-46.

TABACARU, Sabina. Uma visão geral das Teorias do Humor: aplicação da Incongruência e da Superioridade ao sarcasmo. Trad. Douglas Rabelo de Sousa, Maria Gabriela Rodrigues de Castro, Winola Weiss Pires Cunha, Filipe Mantovani Ferreira. **EID&A - Revista Eletrônica de Estudos Integrados em Discurso e Argumentação**, Ilhéus, n. 9, p. 115-136, dez.2015.

VEALE, T.; FEYAERTS, K.; BRÔNE, G. The cognitive mechanisms of adversarial humor. **Humor: International Journal of Humor Research**, v. 19, n. 3, p. 305-338, 2006.

WEAVER, S. **The Rhetoric of Racist Humor**: US, UK and global race joking. Farnham: Ashgate Publishing Limited, 2011.

YOU DON'T want to know. **House M. D.** 4.^a Temp., epis. 08. EUA: Fox Network, 20 nov 2007. Seriado.

ZABALBESCOA, P. Humor and translation: an interdiscipline. **Humor: International Journal of Humor Research**, v. 18, n. 2, p. 185-207, 2005.

Tradução:

Douglas Rabelo de Sousa
Graduando em Língua Portuguesa e Linguística pela Universidade de São Paulo (USP)
E-mail: douglas.rabelo.sousa@usp.br

Maria Gabriela Rodrigues de Castro
Bacharel em Língua Portuguesa e Linguística pela Universidade de São Paulo (USP)
E-mail: maria.gabriela.castro@usp.br

Winola Weiss Pires Cunha
Graduanda em Língua Portuguesa e Linguística pela Universidade de São Paulo (USP)
E-mail: winola.cunha@usp.br

Filipe Mantovani Ferreira
Doutorando em Filologia e Língua Portuguesa pela Universidade de São Paulo (USP)
E-mail: filipe.mantovani.ferreira@usp.br